

Xuxa, gramática e compreensão textual: reflexões sobre o material didático de Infante (2020) e a sua mecanização no ensino da língua portuguesa

Xuxa, grammar, and textual comprehension: reflections on Infante's (2020) didactic material and its mechanization in teaching the Portuguese Language

Hevillyn Fernandes de SIQUEIRA¹; Lara Jussim Fonseca MACHADO¹; Maria Clara Nardi POLONI¹; Maria Victoria Menezes MAGALHÃES¹

1 – Departamento de Letras, Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Brasil.

*Autor correspondente: laramachado@protonmail.com

RESUMO

O presente artigo científico tem como objetivo principal a análise de duas atividades – uma de compreensão textual e outra gramatical – presentes no material didático “Curso de gramática aplicada aos textos” (Infante, 2020), de modo a problematizar o ensino focado unicamente na memorização e repetição. A pesquisa qualitativa, de natureza documental e bibliográfica, com abordagem analítico-crítica, se ancora nos pressupostos teóricos de Koch e Elias (2006) acerca das concepções de leitura, gênero textual, contextos e intertextualidade, bem como nas reflexões de Possenti (1996) sobre os diferentes tipos de gramática. A análise revela como as atividades propostas por Infante (2020) tendem a restringir o desenvolvimento das capacidades críticas e interpretativas dos alunos, ao incentivar a memorização e a repetição em detrimento do debate e da contextualização social. Especificamente, a atividade de compreensão textual, centrada na análise comparativa de capas da revista “Veja” com a figura de Xuxa, demonstra uma descontextualização do gênero e da relevância da figura analisada, com foco excessivo em aspectos gramaticais isolados. A atividade gramatical, por sua vez, prioriza a reprodução de regras, negligenciando a riqueza e a variação da língua em seus diversos usos. Por isso, torna-se de grande relevância a discussão acerca da incorporação de abordagens contextualizadas em materiais didáticos, utilizando-se de aportes teóricos da linguística textual e do amplo conceito de gramáticas, para o desenvolvimento sociocognitivo dos estudantes e uma compreensão mais crítica e engajada da língua portuguesa.

Palavras-chave: gramática; leitura; material didático.

ABSTRACT

The present scientific article aims primarily to analyze two activities — one focused on reading comprehension and the other on grammar — found in the teaching material “Curso de gramática aplicada aos textos” (Infante, 2020), to problematize teaching practices centered solely on memorization and repetition. This qualitative study, of a documentary and bibliographic nature, with an analytical-critical approach, is grounded in the theoretical assumptions of Koch and Elias (2006) regarding conceptions of reading, textual genres, contexts, and intertextuality, as well as in Possenti's (1996) reflections on the diverse types of grammar. The analysis reveals how the activities proposed by Infante (2020) tend to restrict the development of students' critical and interpretative abilities by encouraging memorization and repetition at the expense of debate and social contextualization. Specifically, the reading comprehension activity, centered on the comparative analysis of *Veja* magazine covers featuring Xuxa, demonstrates a decontextualization of both the genre and the relevance of the figure analyzed, with an excessive focus on isolated grammatical aspects. Grammar activity, in turn, prioritizes the reproduction of rules, neglecting the richness and variation of language in its diverse uses. Therefore, the discussion on the incorporation of contextualized approaches in teaching materials becomes highly relevant, drawing on theoretical contributions from textual linguistics and the broad concept of grammars, to foster students' sociocognitive development and a more critical and engaged understanding of the Portuguese language.

Keywords: grammar; reading; teaching material.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo volta-se para a análise qualitativa, de natureza documental e bibliográfica, com abordagem analítico-crítica de atividades propostas no livro didático de Língua Portuguesa de autoria de Infante (2020), intitulado “Curso de gramática aplicada aos textos”, com o objetivo de investigar o impacto dessas lições no aprendizado dos alunos ao restringir o desenvolvimento das capacidades críticas e interpretativas ao incentivar-se a memorização e a repetição em detrimento do debate e da contextualização social. Adicionalmente, busca-se tecer uma crítica às escolhas lexicais e visuais presentes nas atividades selecionadas, examinando como elas podem refletir e reforçar construções sociais concernentes ao gênero, além disso, criticar a falta de reconhecimento do feminino e à variedade linguística.

Assim, a primeira atividade de compreensão textual analisada estabelece uma comparação entre duas capas protagonizadas pela apresentadora Xuxa, seguida de questões que visam ao uso gramatical dos adjetivos em suas formas diminutiva e aumentativa. A segunda atividade consiste em questões gramaticais, que propõem a flexão de sentenças do singular para o plural. Vale ressaltar que a motivação da escrita deste artigo é devido aos exercícios de análise desenvolvidos na disciplina Análise e Elaboração de Material Didático do Curso de Letras - Português/Literatura da Universidade Federal de Mato Grosso, a qual foi ministrada pelo docente Fernando Zolin Vesz.

Nas seções subsequentes, apresentar-se-á a contextualização detalhada das atividades um e dois e os apontamentos críticos resultantes das análises empreendidas.

2. METODOLOGIA

A fundamentação teórica desta pesquisa ancora-se nas contribuições de Koch e Elias (2006) no que tange à construção da concepção de leitura sob a perspectiva da abordagem interacional autor-texto-leitor, considerando o contexto do discurso a ser construído. Além disso, recorre-se a Possenti (1996) e suas reflexões acerca dos diferentes tipos de gramáticas. Assim, a partir desse alicerce teórico, almeja-se analisar criticamente as abordagens didáticas presentes no livro paradidático de Língua Portuguesa e seus respectivos efeitos no processo de aprendizado.

Desse modo, a partir da obra “Ler e compreender os sentidos do texto” de Koch e Elias (2006), entende-se que o conceito de leitura pode variar de acordo com o foco dado ao ler. Assim, as autoras apresentam três focos: no autor, em que a leitura e a construção de sentido se baseiam na compreensão da intenção do produtor ao redigir

sua obra; no texto, no qual o leitor deve decodificar o código linguístico para compreender seu sentido, reconhecendo as palavras e suas estruturas; e na interação autor-texto-leitor, que além de perceber a intenção do autor e decodificar o código linguístico, o contexto e os conhecimentos dos leitores também participam ativamente na produção de sentido, surgindo a ideia de leitura como um ato interacional.

Além dos conceitos de leitura, Koch e Elias (2006), também discorrem sobre os gêneros textuais abordando como a organização estrutural de um texto, seus conteúdos esperados de acordo com as características dos gêneros textuais e a forma como o autor os expressam, auxiliam na construção de sentido de uma obra. Isso ocorre porque os gêneros textuais são práticas sociocomunicativas, presentes no cotidiano dos leitores, inseridos em seus conhecimentos linguísticos como o mais importante contribuinte para o ensino da leitura.

Ademais, Koch e Elias (2006) abordam a necessidade de, ao construir sentido para o texto, considerar os contextos de produção e recepção. As autoras ressaltam que a individualidade de cada interlocutor, juntamente com seu sistema de conhecimentos adquirido culturalmente e seu repertório literário, desempenha um papel relevante na interpretação do texto, pois um enunciado é construído por um elo de outros enunciados e, com isso, se o interlocutor não compreender a relação intertextual feita, poderá prejudicar seu entendimento da leitura.

Em relação à obra “Como (não) ensinar gramática na escola” do professor Sírio Possenti, é trabalhado os conceitos de gramáticas, no plural, diferenciando apenas o funcionamento desses conjuntos de regras. Logo, “o conjunto de regras que devem ser seguidas” (POSSENTI, 1996, p. 64) é a definição para as gramáticas normativas, que geralmente são usadas nos livros didáticos, abordando as questões de falar e escrever corretamente, exaltando um “purismo” da língua. “O conjunto de regras que são seguidas” (POSSENTI, 1996, p. 64) orienta o conceito das gramáticas descritivas, tendo seu estudo voltado para as normas usadas pelos falantes, descrevendo a língua assim como ela é falada e demonstrando as variedades linguísticas que envolvem o contexto social dos indivíduos. Um exemplo que abrange esses dois conceitos de gramática é a frase “Fui no cinema.”, a qual pela gramática normativa é incorreta, pois a preposição correta seria “ao”. “O conjunto de regras que o falante da língua domina” (POSSENTI, 1996, p. 64) diz respeito às gramáticas internalizadas, se referindo aos conhecimentos lexicais e sintático-semântico que os falantes possuem, é a gramática que “nasce” com os falantes, permitindo que estabeleçam relações com as regras gramaticais já existentes, as reproduzindo e criando enunciados. Por exemplo, um falante nativo de português pode

dizer: "As criança brinca no parque" mas nunca dirá "Brinca parque as criança", pois o falante já possui regras gramaticais internalizadas que seguem uma lógica, como a sequência de sujeito, verbo e complemento.

Um exemplo emblemático que ilustra o impacto dessas gramáticas é trazido por Possenti (1996), em que a palavra "imexível", que, apesar de criticada por não estar em dicionários, segue as regras de formação morfológica do português. Dessa maneira, pode-se concluir que a língua é um sistema que vai além das limitações das gramáticas tradicionais, revelando-se muito mais complexa e rica.

3. ATIVIDADE DE ANÁLISE DA CAPA DA XUXA

Dito isso, observe as edições nº1202 e nº1744, da revista "Veja" - Figura 1 que se encontra ao final deste artigo - cujas capas são transpassadas: pelo processo midiático em massa; pela estrutura autor-texto-leitor; e pela sua forma de construção, a qual é feita tendo em consideração um público-alvo específico, a qual traz em si o seu contexto sócio-histórico.

Na sequência, a presente atividade expõe diversos problemas que afetam a sua execução por parte do aluno, como por exemplo, não é explicado anteriormente o gênero capa de revista, a qual é um convite ao leitor para que leia a reportagem completa, além disso, a atividade não traz a reportagem para que os alunos possam ler e compreender a capa com o conteúdo que foi abordado na manchete. Para além dessa falta didática também ocorre a falta da contextualização da pessoa presente na imagem e qual a sua relevância, ignorando a interação autor-texto-leitor.

Após observar inicialmente as capas, seguem as perguntas feitas ao leitor, que como dito previamente desconsidera a maior parte dos elementos principais expostos na capa. Por exemplo, ao trazer a questão b), identifica-se problemas no enunciado quando é pedido que se explique o efeito de sentido que a forma "loiraça" produz na segunda capa de acordo com a relação óbvia entre as duas capas, mas qual seria essa relação óbvia? Prevê-se que nesse caso faltou explicar melhor para o aluno que essa obviedade entre as duas capas, se refere aos graus de diminutivo e aumentativo dos substantivos, mas qual seria a mudança que ocasionaria uma troca de perspectivas de "loirinha" para "loiraça"? Haverá outro elemento que indique essa diferença além de que a artista passou a ser considerada uma "loiraça", subentende-se como uma pessoa de sucesso, após o seu aumento do patrimônio? Ou talvez se pode também relacionar as duas palavras com a diferença de idade da artista entre as duas edições da revista? Não há resposta

satisfatória devida à falta de dados que leve o aluno até a resposta. Ao não considerar a análise das imagens no texto em conjunto com a reportagem proposta da capa e a sua intertextualidade, pela segunda capa ser um intertexto da primeira, exclui-se diversas possibilidades de interpretação e compreensão que o leitor poderia ter a partir do real significado por trás das palavras ali escolhidas.

Além do mais, pelo fato de a atividade presente no material didático proposto por Infante (2020) não incluir a matéria completa das revistas, é dificultado o processo de resposta do aluno, devido à seguinte questão: "c) De acordo com os textos (ou seja, as capas da Veja), qual ou quais os predicados fundamentais para que uma mulher passe de 'loirinha' a 'loiraça'?". Nessa perspectiva, o processo de resposta do aluno é dificultado pois a contextualização do fenômeno que a Xuxa apresenta aos brasileiros é importante para a construção do sentido dos substantivos usados. Por isso, ao ler a reportagem feita em 2002, percebe-se que a utilização do substantivo "loiraça" se deve tanto pela aparência física da artista, quanto pela sua longa carreira de sucesso como apresentadora atriz, modelo e cantora, desde os anos 80, a qual conquistou reconhecimento mundial (Valladares, 2002), tal fato que torna mais agravante a falta da reportagem ainda mais quando há uma fissura entre gerações, as quais podem não reconhecer a relevância da celebridade apresentada com apenas imagens e frases de efeito publicitárias.

Com o foco da leitura unicamente no texto, a atividade exclui a importância da intenção a partir da seleção das fotos usadas nas capas, assim, observa-se como na primeira edição a palavra "loirinha" ao se referir a Xuxa, apresenta a profissional com uma expressão pueril, ingênua e assustada, com o colo bem tapado, com o rosto centralizado e em foco, com os olhos quase brilhando, com os cabelos infantilizados e com acessórios fofos, associando-a à um patrimônio e a um adjetivo que poder-se-ia ter como interpretação uma forma de desprezar Xuxa, já que o grau diminutivo pode vir com o intuito de determinar alguém como bobo e inexperiente, assim, desvalorizando o seu trabalho e a reduzindo a um estereótipo de loura bonita com o acréscimo de jovialidade que geralmente propõem uma inexperiência com a vida.

Em contrapartida, na segunda edição, dez anos depois, Xuxa é apresentada com uma postura e estilo maduro e sensual, com o decote à mostra, com o rosto mais expressivo e com o enfoque na mão da artista na blusa, demonstrando uma postura corporal de uma pessoa experiente, de acordo com a reportagem mantendo sua "forma física embasbacante" (VALLADARES, 2002, p. 98), ela é retratada com a palavra "loiraça", adjetivo capaz de enaltece-la, pois o aumentativo neste caso traria uma noção de poder à imagem da

artista agora como uma mulher adulta e já amadurecida em relação à primeira capa.

Com isso, após analisar a atividade, a conclusão atingida é que o uso do diminutivo e aumentativo não se restringe à apenas ao aumento do patrimônio da artista ou à mudança dos seus aspectos físicos como propostos nas capas da revista, assim, o foco linguístico no texto não é suficiente para que os leitores compreendam o sentido da obra e a intenção que o autor teve ao produzi-la. Portanto, a atividade do material didático não segue os elementos apresentados por Koch e Elias, tais como interação autor-texto, contexto e intertextualidade, pois somente o conhecimento linguístico está importando no exercício, não explorando a capacidade interpretativa dos alunos, de modo geral, as perguntas e reflexões servem até certo ponto, mas para um entendimento maior, uma problematização ou até mesmo um possível debate entre alunos a atividade se mostra ineficiente por não considerar a leitura como um ato interacional que envolve um conjunto de saberes presentes no co-texto e no contexto de produção e recepção, em que os sujeitos possuem conhecimentos que serão ativados ao ler a capa ou a matéria de uma revista.

3.1 ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES DA ATIVIDADE GRAMATICAL

Posto isso, na atividade 2 do livro didático - Figura 2 que se encontra ao final deste artigo - pode-se notar a palavra “modelo” em seu enunciado, e conforme a atividade se desenrola percebe-se que não há a possibilidade de responder à questão considerando as variedades linguísticas, pois ela segue um modelo padronizado de repetição, em que os alunos não precisam interpretar os textos e seus contextos de uso.

Desse modo, o exercício apresentado no material de Infante (2020) reflete uma prática mecânica e automatizada por exigir que a resposta seja repetida em todas as alternativas, e consequentemente o aluno não é desafiado a refletir sobre as variações e particularidades da língua. Como apontado por Possenti (1996), a língua não se restringe à aplicação de uma única gramática: os falantes utilizam e interagem com diferentes abordagens, como a normativa, a descritiva e a internalizada. O aprendizado da “gramática mais certa” é útil apenas quando contextualizado como uma ferramenta multifuncional, capaz de ampliar as possibilidades de uso e compreensão da língua pelos alunos. No entanto, o material didático de Infante, ao carecer de alternativas e explicações mais amplas, acaba reforçando a ideia de uma gramática engessada e estigmatizada.

Logo, um exemplo concreto dessa abordagem prescritiva pode ser observado na questão “e) Não comeu apenas um pão”, que assim como todas as outras questões da atividade proposta exige a transformação de frases do singular para o plural, seguindo um modelo previamente determinado, o qual ignora que, em contextos reais de uso da língua, a variação é um fenômeno natural e que diferentes registros linguísticos possuem suas próprias normas. No exemplo dado anteriormente o aluno poderia escrever “Não comeu todos os pães” em vez de “Não comeu todos os pães”, a forma considerada correta de acordo com a gramática normativa, por isso, ao exigir uma mera reprodução mecânica da regra gramatical, a atividade não estimula a reflexão sobre os usos da língua em diferentes contextos comunicativos, além de ignorar as gramáticas descritiva e internalizada, em que a variação “pães” seria aceita e devidamente explicada. Ademais, outro aspecto relevante a ser considerado é a ausência de contextualização no exercício, a prática de ensino da gramática normativa muitas vezes se dá de maneira quase isolada do uso real da língua, o qual pode tornar o aprendizado mecânico e pouco significativo para o aluno,

Em resumo, o exercício apresentado no material didático analisado não sustenta por si só e carece de um aporte teórico mais sólido para garantir o desenvolvimento do aluno e sua compreensão das regras gramaticais, como alternativa, seria interessante a incorporação de atividades que relacionem a gramática às práticas discursivas cotidianas dos estudantes, o que permitiria uma compreensão mais ampla da funcionalidade da língua em diferentes contextos de comunicação. Como destaca Possenti, o ensino da gramática deve ser dinâmico e conectado ao uso real da língua, respeitando a riqueza do sistema linguístico e proporcionando aos alunos ferramentas práticas e criativas. Assim, novamente o material de Infante se mostra insuficiente e pouco eficaz para ser usado em sala de aula.

4. CONCLUSÕES

Após a análise do material didático proposto por Infante (2020), conclui-se que o exercício gramatical se mostra insuficiente e pouco eficaz para ser usado em sala de aula, pois só é oferecido ao aluno um modelo que deve ser seguido e conduzido a uma resposta correta, levando-o a repetição e memorização da atividade. Por isso, necessita-se de um aporte teórico mais sólido, tal como o de Koch (2017) e Possenti (1996) para garantir o desenvolvimento do estudante e sua compreensão das regras gramaticais.

Portanto, a análise da questão gramatical evidencia a necessidade de um ensino de

gramática que transcenda a mera memorização de regras e a reprodução de estruturas fixas, e estimula o pensamento crítico sobre o que é considerado “certo” e “errado” pela gramática normativa, compreendendo as variações linguísticas que convivem com os falantes. Por isso, torna-se essencial uma abordagem que promova uma reflexão crítica sobre a língua e suas múltiplas possibilidades de uso, tais como o uso das diferentes gramáticas apresentadas por Possenti (1996) e as diferentes concepções de leitura apresentadas por Koch e Elias (2006). Assim, tal como destaca Possenti (1996), o ensino da gramática deve ser dinâmico e conectado ao uso real da língua, respeitando a riqueza do sistema linguístico e proporcionando aos alunos ferramentas práticas e criativas.

Em relação à questão de compreensão textual, percebe-se como o foco linguístico não é suficiente para que os leitores compreendam o sentido da obra e a intenção que o autor teve ao produzi-la, demonstrado que diversos materiais didáticos não exploram a capacidade interpretativa dos alunos. Com isso, o autor da atividade no livro didático considera o seu leitor da mesma forma que uma tábula rasa, algo sem conteúdo e sem conhecimento prévio, a qual está ali apenas para ser preenchido com as informações fornecidas.

Portanto, como Koch e Elias (2006) afirmam em seu livro “Ler e compreender os

sentidos do texto”, a leitura é um ato interacional que envolve um conjunto de saberes presentes no co-texto e no contexto de produção e recepção, em que os sujeitos possuem conhecimentos que serão ativados ao ler a capa ou a matéria de uma revista. Sendo assim, a atividade está incompleta devido a forma como foi elaborada, a qual não aplicou estes conceitos determinantes para uma análise textual, e ao elaborar uma atividade gramatical pré-estabelece uma gramática normativa, que restringe o pensamento crítico e conduz o aluno a responder mecanicamente, estimulando apenas a memorização.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- INFANTE, Ulisses. **Curso de gramática aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 2020. p. 201-204.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 9-24.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 1996. p. 59-95.
- VALLADARES, Ricardo. **Nunca houve uma mulher como Xuxa**. VEJA, Rio de Janeiro, n. 1744, p. 96-100, mar. 2002.

Figura 1 – Atividade com as capas da revista Veja.

6. Observe atentamente as capas da revista *Veja* reproduzidas a seguir e responda às questões propostas.



- Qual o efeito de sentido que a forma “loirinha” produz na primeira capa?
- Qual o efeito de sentido que a forma “loiraça” produz na segunda capa? Considere em sua resposta a relação óbvia entre as duas capas.
- De acordo com os textos (ou seja, as capas de *Veja*), qual ou quais os predicados fundamentais para que uma mulher passe de “loirinha” a “loiraça”?
- Por que uma publicação com o perfil da *Veja* dedica reportagens de capa a um tema como a “loirinha” que virou “loiraça”?

Fonte: INFANTE, Ulisses. Curso de gramática aplicada aos textos. São Paulo: Scipione, p. 204, 2020.

Figura 2 - Atividade Gramatical.

2. Observe o modelo para completar estas frases.

Não quebrou só um pires: quebrou todos os pires.

- a) Não roubaram só um barril: roubaram *.
- b) Não deixaram só um leão fugir: deixaram *.
- c) Não fraudaram só uma eleição: fraudaram *.
- d) Não ludibriou só um cidadão: ludibriou *.
- e) Não comeu apenas um pão: comeu *.
- f) Não é amigo apenas de um escrivão e de um tabelião: é amigo de *.
- g) Não corrompeu apenas um caráter: corrompeu *.
- h) Não promoveu tão somente um júnior para o time principal: promoveu *.
- i) Não depredaram apenas um ônibus: depredaram *.
- j) Não lançaram só um projétil: lançaram *.
- k) Não lançaram somente um projétil: lançaram *.
- l) Não se esqueceu apenas de um hífen: esqueceu-se de *.
- m) Não devorou um pastelzinho apenas: devorou *.

Fonte: INFANTE, Ulisses. Curso de gramática aplicada aos textos. São Paulo: Scipione, p. 202, 2020.